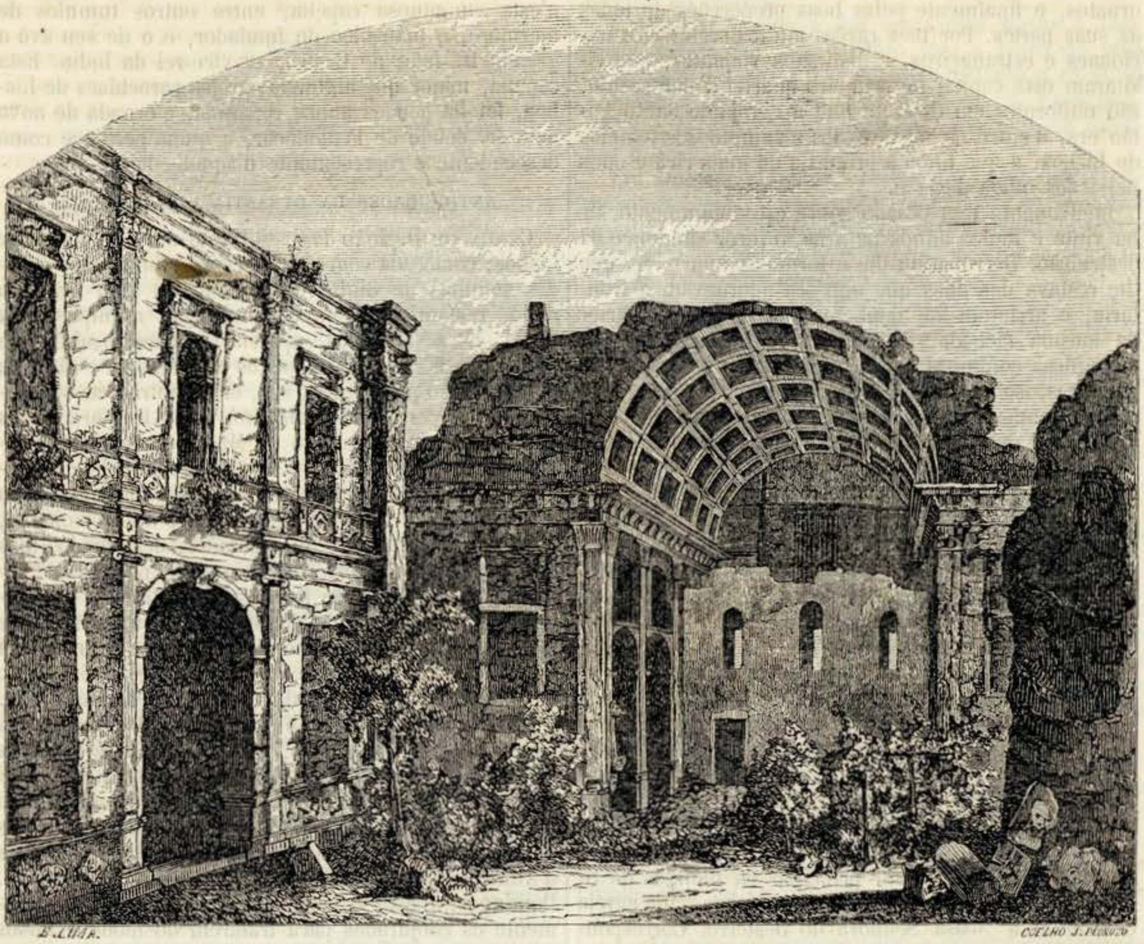


Ruinas da egreja de Santo Antão — Desenho de Barbosa Lima

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

(Vid. pag. 356)

ANTIGUIDADES DO GOVERNO INTRUSO DOS FILIPPES DE CASTELLA

A EGREJA DE SANTO ANTÃO. — Nos fins do reinado de D. Sebastião intentaram os jesuitas edificar nas visinhanças do Campo de Sant'Anna um grande collegio para cabeça da sua ordem. Porém, apesar da boa vontade e auxilio do soberano e da decidida protecção do cardeal infante D. Henrique, encontraram taes opposições, que se viram obrigados a adiar o começo da obra, até que elevado ao throno este ultimo principe pela catastrophe de Alcacerquivir, trataram os padres de dar principio á fundação, julgando-se fortes com o favor do rei. Lançou-se a primeira pedra do novo collegio sem apparato, quasi ás escondidas para evitar contrariedades, no dia 11 de maio de 1579. Porém assim que isto constou, acudiu ao sitio muita gente do bairro, e ás pedradas obrigou os operarios a fugirem da obra. Desde então travou-se uma lucta porfiosa e tenaz, que, aggravando-se cada vez mais, fez por muitas vezes do local das obras um campo de batalha. Por fim já não era só uma querella de visinhos, era questão em que se empenhava toda a cidade, que não podia ver traçado um edificio tão vasto, em que se iam consumir improductivamente immensos capitaes, estando o paiz n'uma situação a todos os respeitos tão precaria e afflictiva. A insistencia dos padres e a opposição do povo chegou a ponto de ir o senado de Lisboa em corporação a el-rei pedir, que mandasse parar com as obras, expondo-lhe as justas queixas dos habitantes. Os trabalhos pararam com effeito, porém pouco depois falleceu o cardeal rei, os exercitos de Castella invadiram o paiz, Portugal curvou-se ao jugo de Filippe II, e os portuguezes com a perda da independencia caíram em completo desalento. E assim tiveram os jesuitas occasião favoravel para recomeçarem a obra com ardor. Entretanto, posto que lhes não faltou diligencia nem dinheiro, a grandeza do edificio era tal, que só se concluiu em 1652, dizendo-se a primeira missa na sua egreja, que foi dedicada a Santo Ignacio, em 31 de julho d'esse anno. Porém como os padres que foram occupar este collegio viviam no de Santo Antão, proximo da Mouraria, que depois venderam aos frades da Graça, sempre o povo ficou chamando áquelle Santo Antão o Novo. N'elle se hospedou Cosme III, grã-duque de Toscana por occasião da sua visita a Lisboa em 1670. O terremoto de 1755 derrubando a cúpula do templo, abateu-lhe a abobada do cruzeiro e da capella-mór, e uma das torres da frontaria. O edificio do collegio ficou bastante arruinado, mas reconstruiu-se, e logo depois da expulsão dos jesuitas em 1759 foi destinado para receber os enfermos do hospital de Todos os Santos, destruido por aquelle cataclismo, recebendo então o nome de hospital real de S. José.

A egreja conservou-se em ruinas; mas tendo-lhe poupado o terremoto as paredes e capellas, ainda ha poucos annos era um dos mais bellos monumentos que esta capital tinha para offerecer á attenção dos

estrangeiros, pela variedade e riqueza dos marmores que o vestiam de alto a baixo, pelo primor das esculpturas e mosaicos, pela intelligente distribuição dos ornatos, e finalmente pelas boas proporções de todas as suas partes. Por taes razões muitos architectos nacionaes e estrangeiros, e distinctos viajantes, que visitaram esta capital no primeiro quartel d'este seculo, são uniformes em dizerem que a egreja de Santo Antão era, d'entre os mais vastos e sumptuosos templos de Lisboa, a que tinha a primazia de mais rica e mais bella aos olhos da arte.

Infelizmente tem pesado sobre este monumento, de ha vinte e tantos annos para cá, o furor vandalico da destruição. Derrubaram-lhe a formosissima torre, que lhe restava das duas que outr'ora adornavam a frontaria, e arriaram-lhe tambem toda a parte superior da mesma fachada. Despojaram-no interiormente de magnificas columnas, e de primorosos mosaicos e esculpturas, sobre tudo na capella-mór. Todavia, apesar de tantas injurias e devastações, ainda se vêem a vastidão do templo e alguns restos de suas galas, que deixam julgar da sua antiga riqueza. [1]

A sacristia, que escapou ao terremoto, é magnifica. Cobrem-lhe inteiramente o pavimento, paredes e abobadas, lindos marmores de muita diversidade de côres, lavrados em excellentes relevos, ou polidos como espelhos. Está bem conservada, e com muito aceio, graças á circunstancia de ficar servindo de capella do hospital.

Convento e egreja de S. Vicente de Fóra. — A sua primeira fundação foi obra del-rei D. Affonso Henriques, logo depois da conquista de Lisboa em 1147. Porém nada resta da fabrica primitiva. O convento e egreja, que ora vemos, foram levantados desde os alicerces por D. Filippe II de Castella, apenas se assenhoreou da coroa de Portugal. Lançou-se a primeira pedra do novo templo no dia 25 de agosto de 1582. [2]

Egreja de Nossa Senhora do Desterro. — Em 8 de abril de 1591 deram principio os monges de S. Bernardo a um grande convento em Lisboa, cuja egreja dedicaram a Nossa Senhora do Desterro. Correspondeu a fundação á riqueza d'aquella ordem monastica pelo que diz respeito á vastidão do edificio. A egreja não só era vasta, mas tambem grandiosa pela cantaria bem lavrada de que era construida, e pelos marmores que a adornavam.

Sendo reduzido a cinzas o hospital real de Todos os Santos no dia 10 de agosto de 1750, foram levados os enfermos para o convento do Desterro, onde estiveram até 1751; e os frades passaram para o palacio dos arcebispos de Lisboa, contiguo á sé.

O terremoto de 1755 arruinou bastante o convento, e derrubou toda a abobada da egreja, deixando de pé as paredes e quasi todo o frontispicio, pelo que se póde ainda ajuizar da grandeza e architectura do templo, construido segundo o estilo chamado do *renascimento*. O edificio do convento foi reparado da ruina que padecêra, e habitado novamente pelos religiosos de S. Bernardo. Mais tarde foi applicado a diversos serviços publicos, mesmo antes da extincção das ordens religiosas. Primeiramente estabeleceu-se n'elle a Casa-Pia, tendo-se mudado do castello de S. Jorge, onde a fundou a rainha D. Maria I. Transferido este estabelecimento de caridade para o mosteiro de Belem, no anno de 1834, ficou servindo o convento do Desterro para aquartelamento militar, e n'elle por vezes se tem accommodado diversos corpos da guarnição de Lisboa. Serviu de hospital durante as ultimas epidemias que affligiram esta cidade, e presentemente tem o mesmo destino, sendo uma dependencia do hospital real de S. José.

Capella dos Castros. — Foi fundada junto ao convento de S. Domingos de Bemfica, nos principios do seculo XVII, por D. Francisco de Castro, bispo inquisidor geral, para jazigo da sua familia. Acham-se n'esta sumptuosa capella, entre outros tumulos de marmore, o mausoleo do fundador, e o de seu avô o grande D. João de Castro, IV vice-rei da India. Esta capella, maior que algumas egrejas parochiaes de Lisboa, foi ha poucos annos reparada, e ornada de novo pelo sr. conde de Penamacôr, a quem pertence como descendente e representante d'aquelle heroe. [1]

ANTIGUIDADES DA DYNASTIA DE BRAGANÇA

Cerca de D. João IV [2]. — D'esta obra de defesa de Lisboa, começada com tanto fervor, e em que tão grandes sommas de dinheiro se gastaram para ficar em meio, restam vestigios que mostram a importancia d'ella. Essas reliquias, apreciaveis como padrões de uma lucta a todos os respeitos tão honrosa e gloriosa para a nação portugueza, são, entre outras, as seguintes: os *fortes do Sacramento*, em Alcantara, e da *Cruz da Pedra*, proximo da Madre de Deus, que fechavam a linha sobre o Tejo. Aquelle hoje abandonado, e este convertido em armazem da companhia do caminho de ferro de léste: o *forte do Livramento*, contiguo ao largo das Necessidades, desarmado, mas em bom estado; o *forte de Campolide*, por acabar, sobranceiro á quinta de Palhavã, actualmente propriedade do sr. conde de Azambuja; um grande lanço de alta muralha ameiada, que vinha outr'ora ligar-se com o forte da Cruz da pedra, e que ao presente serve de muro da quinta dos herdeiros do visconde de Manique, etc.

Padrões da Conjuração de 1640. — Ninguem ignora que a gloriosa revolução, que expulsou do paiz os hespanhoes, dando a Portugal independencia e rei portuguez, foi concebida e posta em execução por 40 fidalgos. Um dos mais illustres e influentes patriotas foi D. Antão d'Almada, ascendente dos srs. condes d'Almada. Era no seu palacio, situado no largo de S. Domingos, d'esta cidade, que se reuniam ordinariamente os conjurados para tratarem do modo e meios de levar a cabo a sua empreza, o que conseguiram no 1.º de dezembro de 1640, accommetendo pelas 8 horas da manhã o palacio real onde residia a duqueza de Mantua, que governava o reino em nome de D. Filippe IV de Castella. Pela boa disposição do ataque, e pelo valor dos 40 conjurados, divididos em 4 turnos, encarregado cada um de sua empreza differente, conseguiram em poucos momentos apoderarem-se do secretario do governo Luiz de Vasconcellos, que, deitado pelas janellas fóra, foi morto pelo povo, a esse tempo já reunido no Terreiro do Paço, e acclamando a D. João IV, e da pessoa da duqueza de Mantua, que obrigaram a passar a ordem para a immediata entrega do castello, com o que se completou o triumpho glorioso da revolução na capital, que as provincias logo secundaram. Em memoria d'estes successos fez D. Antão d'Almada levantar no seu palacio dois padrões em fórma de torres com ameias, os quaes se elevam sobre a face do palacio que deita para as escadinhas da Barroca. Estes singelos padrões são tanto mais apreciaveis por isso que commemoram uma das maiores façanhas e dos mais assignalados acontecimentos da historia portugueza, de que não existe monumento publico propriamente dito.

No fundo do jardim do dito palacio existe ainda um pavilhão, onde os conjurados faziam as suas conferencias. É uma pequena casa de regalo com sua fonte, e com as paredes vestidas interiormente de azulejos, nos quaes se vêem pintadas tres scenas da revolução do 1.º de Dezembro. [3]

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.

[1] A gravura mostra a parede da capella-mór, do lado da epistola, o cruzeiro e o corpo da egreja.
[2] Tratámos d'este monumento n'outro capitulo do roteiro.

[1] Tratámos d'este monumento n'outro capitulo do roteiro.
[2] Vid. pag. 251 d'este volume.
[3] Vid. a gravura e artigo a pag. 289 do IV vol. d'este semanario.

CHRONICAS DO POVO

II

O SERVO

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

(Vid. pag. 354)

II

O mesmo direito de conquista que dividiu, nos tempos antigos, as sociedades em homens livres e em escravos, foi tambem o que, na edade média, deu origem a senhores e servos. Estes, propriamente fallando, eram escravos ainda, mas com uma corrente mais comprida. Adstricto á gleba, isto é, ao torrão que cultivava, devia ao seu senhor a maior parte do seu tempo e dos lucros; acompanhava-o á guerra, e era obrigado, em casos de captiveiro, a pagar-lhe o resgate.

Mas em compensação, ao menos, pertencia-lhe o peculio. Vivia em casa sua, lavrava por sua conta, e não recebia ordens immediatas do senhor. Era devedor, não era criado.

Muitos servos, enriquecidos pelo trabalho, tinham-se resgatado, e d'ahi proviera a burguezia. Esta, vassalla do rei, ou de algum senhor de alta cathegoria, isto é, sujeita a certas homenagens e contribuições, tendia para se emancipar, e formava já o terceiro estado, que mais tarde devia sobrelevar os outros. No seculo XV, em que se passa a nossa historia, o poder das communas, ou reuniões de burguezes, começava já a tornar-se temivel, e toda a ambição do servo consistia em fazer parte d'essas reuniões. O clero, que tinha favorecido as primeiras franquias, continuava a trabalhar para destruir a servidão, tomando o partido do fraco contra o forte, e proclamando a egualdade dos homens perante Deus; mas a nobreza, da sua parte, conhecendo que o dominio lhe ia fugindo, tornára-se mais zelosa dos seus direitos, e ia empregando para os manter, ora uma indulgencia extrema, ora uma severidade excessiva. Posto que o systema feudal estivesse ameaçado, ainda se conservava intacto, e tanto mais visivel quanto se achava de face com uma ordem nova de coisas.

— Em resumo; a nação comprehendia n'estes tempos quatro classes distinctas: nobres, religiosos, burguezes e servos. Acima de todos estava o poder real, com detrimento dos senhores.

Estes ultimos tinham, todavia, conservado os direitos mais importantes, como eram o de fazer guerra uns aos outros, estabelecer impostos nas suas terras e administrar justiça.

Este privilegio, de todos o mais temivel, dava-lhes direito de vida e de morte sobre os seus subditos, porque as sentenças que promulgavam sem appellação, eram resultado quasi sempre da colera ou da clemencia. A paixão julgava, e fazia executar as sentenças.

Já se póde, em vista de tudo isto, avaliar qual seria a inquietação de Catharina e de Thomaz Ruivo, quando viram que lhes levavam o João. O conde era conhecido como homem arrebatado, que condemnava sem ouvir, e que reformava raras vezes os seus julgamentos. Era, por conseguinte, muito para receiar que o intendente aproveitasse algum dos impetos de colera do conde para lhe apresentar a condemnação do pobre rapaz.

Catharina correu a casa do collector para lhe pedir que intercedesse por seu primo, mas o collector negou-se a entrar n'uma questão que o podia comprometter, e d'onde lhe não resultava proveito algum. Aconteceu-lhe o mesmo com o preboste, que receiou perder as pastagens que, por mercê do intendente, lhe tinham sido dadas para o cavallo, e tambem se lembrou que Moreau lhe podia tirar alguns lucros que recebia do castello.

Voltava Catharina a dar estas más novas a Thomaz; seguia por um carreiro fóra á beira de uma terra de pão; trazia o coração angustiado e os olhos vermelhos, quando viu um frade de S. Francisco, que vinha pelo mesmo caminho, tambem em direcção a Rillé.

Era homem já velho, mas a sua physionomia expansiva respirava uma certa bondade energica. Trazia bordão, capa, e uma corda a tiracollo d'onde pendiam uma broa de pão de centeio e um cantil em fórma de missal. Catharina saudou-o.

— Bons dias, minha filha, disse-lhe o frade. D'onde vindes a estas horas, em que todos andam a trabalhar nos campos?

— Venho de casa do preboste, meu padre, disse-lhe Catharina com voz commovida.

— De casa do preboste? Pois tendes algumas contas com a justiça?

— Não sou eu, mas o meu primo João que as tem.

— Que culpa commetteu o vosso primo?

A rapariga contou-lhe o que acontecêra, e como se dera a prisão de seu companheiro de infancia.

— Deus o salve, disse o padre Ambrosio (era o nome do franciscano); vi passar, ha de haver uma hora, o conde Raul com o seu sequito. Parecia uma tempestade de verão. Contou um dos escudeiros na aldeia, que o conde perdêra as estribeiras tres vezes no torneio de Angers. Trazia o desespero a roer-lhe o coração.

— Que estaes dizendo, meu padre? — exclamou Catharina. O intendente é capaz de aproveitar os maus humores do conde para lhe apresentar o caso. Vão enforcar-me o João nas ameias do castello.

— Contemos com a misericordia do conde, disse o frade, mas de tal maneira, que dava a entender que elle mesmo não tinha esperanças nenhumas.

— Ai, não, não; tornou-lhe a criança debulhando-se em lagrimas; o sr. conde nunca perdoou a ninguem quando está enfurecido; quando lhe punge o coração vinga-se no que se acha mais proximo. Não ha esperanças para o João, meu pobre João! E o que será do velho pae, de nós todos sem o João? Era a nossa força, o nosso futuro. Se o conhecesseis, meu padre... animoso como um javali contra os que o insultavam; docil como um cão para aquelles a quem estimava. E pensar a gente que não ha ninguem que se atreva a dizer a verdade em defesa do pobre rapaz; nem o preboste, nem o notario, nem o collector! Só o velho pae e eu nos atreveriamos a declarar que o intendente é que tem a culpa, e que foi João, o injuriado, quem levou primeiro. Mas ninguem nos ha de dar attenção, porque somos uns pobres desgraçados, e hão de nos enforcar o João. E não o poder salvar, á custa do meu sangue todo que fosse!

Fallando d'esta fórma, a rapariga soluçava e apertava as mãos contra o peito. O frade enterneceu-se.

— Encaminhae-me para o castello do conde Raul, disse-lhe elle; eu fallarei em favor do preso.

Catharina soltou um grito de alegria.

— Será verdade, meu padre! Bradou ella fóra de si.

— Não é o nosso dever soccorrer os opprimidos? — replicou o franciscano.

— E ousareis fallar ao conde?

— Ousâmos todos fallar a Deus, e o conde Raul é homem. Ensinae-me o caminho, minha filha, e daevos pressa, porque a justiça n'esses castellos é precipitada, podêmos chegar tarde.

Esta idéa fez tremer Catharina. Desatou a correr para o castello seguida pelo frade, que a muito custo a ia acompanhando.

Não tardou muito que o avistassem. A rapariga ergueu os olhos com terror para as forcas da justiça, que se levantavam na torre principal, e viu apenas os esqueletos de dois ladrões de estrada enforcados no anno antecedente por ordem de Raul. Desopprimiu-se-lhe o coração, e continuou a caminhar com passo menos rapido.

O castello do conde era construido recentemente, e nenhuma das precauções, adoptadas n'essa epocha pela arte de defesa, fôra esquecida pelo mestre pedreiro que servíra de architecto. Tinha tres muralhas guarnecidas de torres, ameias e setteiras, cada uma d'ellas com seu fosso e ponte levadiça. No meio da terceira erguia-se a torre de menagem, que tinha outro fosso, e grade levantada sempre. N'esta torre é que estavam os archivos, as armas e os thesouros. No pateo grande é que se encontravam as cisternas, as cocheiras, as adegas e a habitação do conde. Por baixo d'esta existiam subterraneos, cuja entrada só elle conhecia, e que, indo parar ao bosque proximo, facultavam, em caso de cêrco, um bom meio de fuga sem ser percebida.

Catharina deixou o padre Ambrosio á entrada da primeira porta, supplicando que se não esquivasse a coisa alguma para salvar o João, e sentou-se á borda do parapeito esperando o regresso do frade.

Este foi introduzido n'um pateo, onde os escudeiros e os pagens se estavam exercitando na esgrima, e d'ahi foi levado para a habitação do sr. conde.

O luxo interior correspondia á elegancia e á solidez que se notavam pela parte de fóra. Os pavimentos estavam calçados de pedra de diversas côres, formando as juntas, de ferro e chumbo fundidos, arabescos de mil feitios. As vigas, incrustadas de ornatos de estanho, sustinham, de longe a longe, armas ou animaes de paizes estranhos, habilmente conservados. As vidraças pintadas representavam a historia dos antepassados do conde Raul e a fundação do castello. A mobilia era toda de carvalho magnificamente entalhado, e tão negro como o ébano; as salas estavam forradas de pannos de raz, e guarnecidas todas em roda com arcas vermelhas, grandes bancos com colchas em cima a arrastarem pelo chão, e leitos com doze pés de comprimento. De longe a longe, e como signaes de opulencia, notavam-se pendurados na parede espelhos de vidro ou de metal. Fr. Ambrosio admirou, quando atravessava a sala dos pagens, um relogio, cujos ponteiros marcavam horas e minutos.

Mandaram-n'o entrar para a sala de jantar, onde se achava o conde. Era uma longa galeria, sustentada de um lado e de outro em pilastras de carvalho, embutidas de cobre e de estanho. Uma mesa cercada por uma balaustrada tomava o comprimento todo da sala, e no meio d'esta erguia-se uma torre de madeira, no cimo da qual estava um facho para alumiar a casa. Ao fundo erguia-se o aparador cheio de jarros e taças de prata, e aos lados as mesas com os talheres e pratos. N'estes viam-se grandes peças de carne temperada com diversos môlhos, pães de nove onças, e proximos d'elles picheis de vinho tirado de cima da bôrra. Na extremidade opposta da sala, uma banda de musicos desempenhava uma symphonia, em que se ouviam trombetas, flautas, charamelas, alaúdes e violas.

Os convivas, que andariam por uns cem, estavam sentados conforme a jerarchia. Os principaes tinham diante de si escudellas de prata lavradas, e já alguns dos garfos cujo uso se começava a adoptar; os immediatos tinham só escudellas de prata lisa, e os ultimos escudellas de estanho.

Ao principio ninguem reparou no padre Ambrosio. O varlete que o conduzira contentou-se com mostrar-lhe um escabello, em que o frade se sentou, e em dar-lhe uma taça e uma escudella.

O franciscano ia começar quando Raul deu por elle ao canto.

— Pela morte de Christo! Anda por cá um habito de frade, exclamou elle poisando na mesa a taça de oiro que acabava de despejar. Olá, meu padre, vinde sentar-vos á nossa mesa; e vós lá, dae logar ao reverendo.

Os convivas apertaram-se immediatamente, e fr. Ambrosio foi sentar-se quasi defronte do conde, a quem cortejou.

— Se me não engano, proseguiu Raul, pertenceis aos franciscanos de Tours.

— Sou o padre guardião, respondeu o frade.

O conde levantou a cabeça.

— Muito bem, disse elle com voz menos rude: sempre estimei o vosso convento, meu reverendo, e até desejava ir visitar-vos, para uma coisa... Não costumaes conceder aos profanos licença de trazer, um dia cada mez, o habito da vossa ordem?

— Costumâmos, sim, meu senhor.

— E vestindo o habito ganha-se direito ás mesmas indulgencias que vos são concedidas?

— Comtânto que se vista com o habito o nosso espirito de amor e de humildade, retorquiu-lhe o padre Ambrosio. O habito de frade trajado pelos seculares tem por fim lembrar-lhes a piedade dos nossos claustros.

— Bem sei, disse Raul; mas é preciso que me concedaes esse favor, padre guardião, e se m'o concederdes, podereis pedir para o vosso convento as vantagens que quizerdes.

— Se eu me atrevesse, pedia desde já para mim, disse-lhe o frade.

— O que vem a ser, meu reverendo?

— O vosso intendente mandou prender hontem o filho de um servo vosso.

— É verdade que me fallou n'um velhaquete que se recusava a obedecer-lhe.

— Pois eu prometti sollicitar o seu perdão.

— O perdão, exclamou o intendente, não o concedaes, sr. conde; os vossos villões cada vez estão mais custosos de governar; vós dissestes mesmo que era preciso um exemplo.

— É verdade que disse, tornou-lhe o conde, mas não sabia que o padre guardião se interessava pelo tal vadio.

— Deus ha de ser comnosco o que nós tivermos sido com os outros, observou Ambrosio; não perdoará aos que não tiverem perdoado.

Raul pareceu indeciso. O intendente percebeu que o conde estava abalado, e receiando perder a sua vingança, disse:

— O sr. conde não se ha de esquecer de certo de que este João já foi multado por pretender defraudar os direitos do forno, cozendo o pão em casa, e por ter aguçado a sega da charrua sem ter pago a taxa competente.

— Não me lembrava, interrompeu Raul.

— De mais a mais tambem partiu as trelas da matilha do sr. conde, sob pretexto de que lhe iam calcar a avêa.

— Isso é verdade? — exclamou o conde mais animado.

— Em quanto ao gamo, que appareceu morto sem que se soubesse nunca quem tenha sido...

— Então?

— O sr. conde bem sabe que a cabana do pae de João está á entrada da floresta.

— Pois seria aquelle demonio do rapaz? — exclamou Raul.

— Eu ia jural-o.

— Forca, forca immediatamente, replicou o conde. Desgraçado do que tocar na minha caça!

E como o padre quizesse fallar:

— Não procureis defendel-o, meu padre, continuou encolerisado, quero que aquelle velhaco saiba quem é o senhor d'estas terras. Preparem-lhe uma gravata de linho, e não fallemos mais em similhante coisa.

Dizendo estas palavras levantou-se da mesa, e todos os convivas o imitaram.

O padre Ambrosio correu para elle quando o conde ia saír da sala.

— Haveis de me permittir ao menos que visite esse desgraçado.

— Embora, respondeu-lhe Raul, preparai-o para a sua sorte; e vós lá, continuou dirigindo-se para o intendente, cuidae em que fique hoje mesmo tudo concluido. Deus vos guarde, meu reverendo; em breve irei fazer uma visita ao vosso convento.

Saíu depois d'estas palavras, deixando o frade em companhia de um homem de armas encarregado de o conduzir até onde estava João.

(Continúa)

PULPITO DA EGREJA DE SANTO ANTÃO

No fragmento do *Roteiro de Lisboa*, inserto n'este numero, fallámos com encarecimento da belleza e magnificencia de outr'ora da egreja de Santo Antão. Todavia, a estampa que representa o interior d'esse templo arruinado, mal corrobora as nossas asserções, porque aquellas paredes, ainda não ha muitos annos vestidas inteiramente de marmores multicôres, e tão ricas de esculpturas e mosaicos, estão agora quasi nuas. Mas vem em nosso auxilio a gravura, que ahi juntâmos, de um dos seus dois pulpitos.

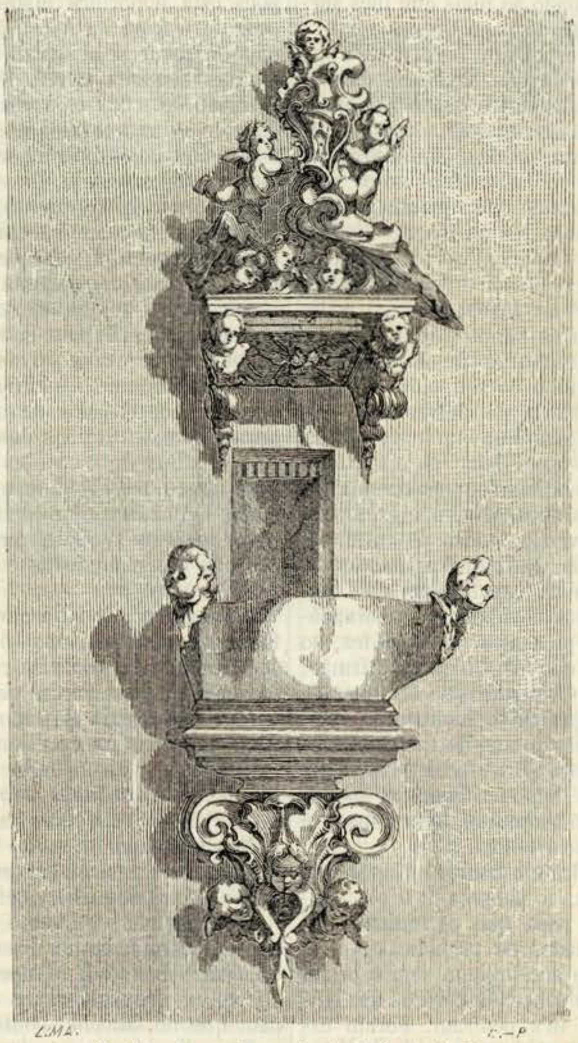
É uma obra que apresenta novidade, riqueza, formosura e primor de arte. Tem novidade na sua collocação, muito mais baixa que o regular, no desenho e na disposição dos ornatos. Fazem-n'o mui rico os materiaes de que é construido, pois são de excellente marmore preto o pulpito e o docel, ou baldaquino, e de marmore branco como jaspe toda a esculptura que os decoram. Formosura ninguem lh'a negará, attentando na elegancia do todo e na graça de cada uma das suas partes. O primor artistico revela-se na correcção do desenho e expressão das figuras, e na perfeição dos outros ornatos. É falta, comtudo, n'este pulpito a peça de esculptura que, em nossa opinião, sobresaía a todas nas qualidades que constituem o verdadeiro primor de arte. Era uma aguia de marmore branco, que, resaltando do pulpito com as azas estendidas, como na acção de desprender o vôo, servia de estante para descançar n'ella o Evangelho, ou qualquer outro livro. Ainda ha poucos annos alli a vimos, sem nos fartarmos de a admirar.

Desgraçadamente, não é esta a unica mutilação que tem o pulpito. Falta-lhe um grande pedaço de marmore negro, e varias esculpturas. A gravura mostra-o no seu estado actual, e com tanta exactidão, que nos dispensa minuciosa descripção. Acha-se no corpo da egreja, junto ao cruzeiro do lado do Evangelho. O outro, que lhe correspondia do lado da epistola, está quasi de todo destruido.

É na verdade uma lastima, diremos melhor, um escandalo e uma vergonha nacional, a devastação que se tem feito modernamente, e se está ainda fazendo n'aquelle monumento. Custa a crer que chegue entre nós a tão subido ponto o desprezo pelos monumentos e o desamor pela arte, que se não levante um braço nem se erga uma voz para suspender aquella e outras obras de vandalica destruição!

Como se um tal barbarismo fosse absolutamente indifferente aos interesses e decoro do paiz, os poderes publicos deixam em completa liberdade o alvião sacrilego. E aquelles a quem directamente compete zelar a honra e interesses da capital, sanccionam com o seu silencio aquelle desprezo e inercia.

I. DE VILHENA BARBOSA.



Pulpito da egreja arruinada de Santo Antão

PRIMEIRA EMBAIXADA DO JAPÃO Á EUROPA

(Vid. pag. 350)

VIII

No colloquio XXIII descreve o P. Sande o apparato das solemnidades religiosas de Roma a que assiste o papa, e especialmente a funcção do dia da Annunciação. Detem-se em descrever tambem as egrejas, os palacios, os conventos, seminarios, collegios de Roma, e todas as outras raridades e obras magnificas, que fazem d'esta cidade uma verdadeira capital do mundo christão e artistico. Metter-nos-hiamos por um mar vastissimo, se quizeramos seguir o auctor n'esta minuciosa tarefa de historiador; limitâmonos pois, sómente, ao que toca mais de perto os nossos japões.

No dia seguinte ao do consistorio, mandou o papa visital-os por um prelado da sua casa, e enviou-lhes varias peças de seda, para que escolhessem as que mais lhes agradassem, a fim de se vestirem á italiana, elles e os seus familiares e criados, determinando que a cada um, além de outros fatos, se fizessem dois completos, um de veludo preto, agaloado de oiro, outro de damasco agaloado do mesmo modo, e barretes de veludo com franjas muito vistosas, no que gastou mais de tres mil cruzados. Tambem ao padre geral dos jesuitas mandou dar mil cruzados para os gastos da hospedagem.

Na seguinte segunda feira 25 de março, foi o papa, segundo o costume, com mui nobre cavalgata á egreja

de Santa Maria sobre Minerva, assistir á solemnidade da Annunciação da Virgem, á qual concorreram tambem os japões em trajos da sua nação, mas differentes dos que tinham levado no dia da audiencia. Tiveram, assim na cavalgata, como na egreja, o logar mais distincto; e quando o pontifice entrou no templo, pegaram-lhe D. Mancio e Miguel nas abas do manto, e D. Martinho foi ao lado do primeiro cardeal.

Depois d'este dia principiaram as visitas dos cardeaes, dos embaixadores e outros senhores, aos quaes as retribuiram depois. Foram logo ver as egrejas e monumentos da cidade, na qual, diz o auctor, se contavam tres mil liteiras e coches de dois e quatro cavallos.

O colloquio XXIV é destinado ao mais que lhes succedeu em Roma até á morte do papa Gregorio XIII.

O cuidado mais que paternal que o papa teve por elles, mostrou-o por muitos modos. Todos os dias os mandou visitar por Mg. Bianchetti e outros prelados; correu com todas as despezas da sua hospedagem; chamou-os varias vezes para praticar familiarmente com elles sobre as coisas do Japão, fazendo-os sentar diante de si, e significando-lhes quanto gostava de os ver vestidos á romana. N'uma d'estas audiencias apresentaram-lhe os embaixadores varios presentes, entre os quaes se contavam diversos quadros que Nobunanga, imperador do Japão, dera ao padre Valignani, e representavam os famosos muros da cidade de Anzuchina que o mesmo monarcha tinha feito construir. Em testimunho do seu agrado, mandou-os logo collocar na galeria de Belver, que elle mesmo lhes foi mostrar, para que do logar distincto que lhes destinava fizessem juizo do apreço em que tinha os seus donativos. Tambem na mesma occasião lhes fez ver os seus aposentos, o museu, e o seu proprio gabinete e livraria, todas as raridades e preciosidades que possuia. Quiz que assistissem a todas as funcções publicas da capella, em que lhes deu sempre o logar e honras devidas aos embaixadores. Não tiveram conta os presentes que lhes fez, no que tambem se distinguiu o sr. D. Thiago seu irmão. Extraordinario porém foi o cuidado que teve por D. Julião, em razão da doença que o molestava, mandando fazer sobre ella varias juntas de medicos, nomeando seis da sua confiança para o visitarem, e ordenando que todos os dias lhe referissem por menor o estado do doente, lhe mostrassem as receitas, e lh'as aviassem da sua propria botica.

Competiram com o pontifice em honrar os japões, os cardeaes, os embaixadores, a nobreza e o povo romano. Receando porém o papa que os muitos banquetes a que eram convidados os prejudicassem na saude, mandou que os não acceitassem sem especial licença sua, a qual sómente concedeu para os dos embaixadores que vivamente lh'a pediram. Foram esplendidos estes banquetes, mais que todos porém faustoso o que no castello lhes deu o sr. D. Thiago. E tão honrosa e satisfactoria para os seus principes reputavam os embaixadores as visitas dos japões ás suas cortes, que todos, e particularmente os do imperador, del-rei christianissimo de França, e do duque de Saboia, lhes pediram em nome de seus senhores, que regressando á patria visitassem os seus estados e cortes, o que elles não fizeram por não alongar muito a jornada. Não poderam comtudo deixar de annuir a egual pedido do embaixador da republica de Veneza, por causa da sua proximidade.

Distinguiram-se em honrar os japões, entre os embaixadores, o conde d'Oliva, que amiudadas vezes os visitou e presenteou, e usou todos os respeitos e cortezias devidas a filhos noveis da egreja, e proprias de quem n'aquella corte exercia o cargo de embaixador del-rei catholico; e entre os fidalgos, D. Thiago Buoncompagno, duque de Sora, e D. Paulo Jordão Ursini, duque de Brigiano. Mas a todos excedeu e se avantajou o senado romano. Poucos dias depois da chegada dos japões a Roma, o senador e conservadores da cidade, acompanhados de toda a sua corte, foram visital-os com a maior pompa e apparato que costumavam usar nos actos publicos, precedidos de vinte e quatro officiaes com varas doiradas na mão, e seguidos de muitos cavalleiros e cidadãos romanos, todos ricamente vestidos. Na visita, depois das congratulações pela sua boa vinda, significaram-lhes que aprouvera ao senado e povo romano fazel-os cidadãos de Roma, e elevar-os á nobreza e patriciado romano, o que raras vezes, e sómente a varões insignes e benemeritos, se costumava conferir. Agradeceram os japões esta honorifica distincção, e no domingo antecedente á festa da Ascensão, foram aos paços do senado renovar seus agradecimentos e receber os diplomas d'aquella mercê. Recebeu-os o senador acompanhado de todos os vereadores e magistrados da cidade, com as honras que por estilo se faziam aos reis e principes; e depois de sentados, um orador, em nome de todo o senado, lhes dirigiu uma falla, manifestando-lhes o jubilo que no povo romano causára a sua chegada a Roma, em testimunho da fé catholica, e o quanto folgava em conceder-lhes os privilegios de nobres, patricios e senadores romanos, pedindo-lhes que acceitassem este penhor do seu affecto e benevolencia para com elles. Depois d'isto, adiantaram-se quatro escudeiros nobres com salvas de prata na mão, nas quaes lhes apresentaram os titulos d'aquelle privilegio, em pergaminho, tarjados de oiro e ornados de varias figuras, com os brazões das familias de cada um d'elles, e sellos de oiro pendentes. Receberam elles de bom grado tão solemne testimunho de honra e affecto, e agradeceram promettendo nunca olvidal-o. Acabada por este modo a ceremonia, retiraram-se entre os sons das charamelas e o canto dos menestreis do senado.

Tambem o papa Gregorio XIII quiz perpetuar esta famosa embaixada, não só por ser a primeira que do Japão recebia o pontifice romano, mas tambem a que de mais remotas partes vira Roma até então, porque o Japão está mais afastado de nós que a India, d'onde Augusto recebêra em Roma embaixadores. Mandou pois cunhar uma medalha de prata com a legenda seguinte: — *Ab Regibus Japoniorum prima ad Romanum Pontificem legatio et obedientia.*

Não gozou porém muito Gregorio da consolação que lhe produziu esta embaixada, porque adoecendo a 11 de abril, se finou no seguinte dia, de que os japões tiveram grande sentimento, para mitigar o qual os cardeaes lhes mandaram dizer, que em qualquer d'elles que subisse á cadeira apostolica não seria menor o affecto, a benevolencia e solicitude para com o Japão, que no fallecido pontifice.

No colloquio XXV trata-se do ceremonial das exequias do papa defuncto, do modo da eleição do successor, e do applauso com que foi feita a de Sixto V. Não nos occuparemos d'este assumpto por alheio da nossa historia. Só diremos algumas coisas que mais se referem aos japões. Ao quinto dia do encerramento dos cincoenta cardeaes que se acharam no conclave, isto é, a 26 do mesmo mez de abril, saiu eleito por acclamação o cardeal Montalti, que tomou o nome de Sixto V. No sabbado seguinte foram os nossos embaixadores felicitar o novo papa, e prestar-lhe obediencia em nome dos reis e principes christãos do Japão. Recebeu-os o novo pontifice com agrado, e lhes protestou que teria ás coisas do Japão a mesma dedicação que o seu antecessor, e ordenou aos padres da companhia que os assistissem em tudo como até alli.

No primeiro dia de maio foram convidados pelo papa para assistir á sua sagração, a qual se fez na basilica de S. Pedro do Vaticano com todo o apparato do ri-

tual, que o auctor descreve por menor. Depois de ungido o pontifice com o santo oleo, foi D. Mancio chamado a dar-lhe a agua para purificar as mãos, juntamente com outros dois grandes fidalgos da corte que apresentaram a toalha, honra que só se costuma conferir aos mais distinctos personagens entre os assistentes, ainda que sejam reis ou principes.

(Continúa) A. J. F.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

DESDE A PAZ COM HESPANHA ATÉ AO CASAMENTO DO REGENTE

(Vid. pag. 359)

Na manhã do mesmo dia 27 de fevereiro mandou o principe ás assembléas dos Estados a sua resposta ácerca do titulo de rei, que lhe offereciam, dizendo em substancia que não desejava acceital-o. Nos braços da nobreza e do clero não se tomou resolução a tal respeito, porque não estavam completos. No braço do povo perseverava a primeira resolução, de se retirarem todos a suas casas, de abandonarem tudo, e não pagarem os impostos se o principe não acceitasse o titulo que lhe fôra offerecido; o que, no dia seguinte, todos os procuradores do primeiro banco deviam ir declarar ao proprio principe. Alli dissera o marquez de Marialva, que o estado se perderia se o infante não acceitasse o titulo de rei, acrescentando que não podia publicar as razões que tinha para fallar assim.

Os castelhanos e os que não desejavam o casamento do infante com a rainha, pareciam mostrar-se hostis á coroação do regente, contrariando-a com a possivel malicia e artificio. Custava a comprehender tambem d'onde vinha a D. Pedro, na recusa da coroa, firmeza que lhe não era nem natural nem ordinaria, tanto mais que o marquez de Gouvêa, o conde de Villar-Maior, o seu preceptor e o seu secretario, unicos do conselho e de sua casa que pareciam declarar-se contra a coroação, eram incapazes de lhe inspirarem taes sentimentos, e predominarem no seu espirito contra os sentimentos do resto dos seus confidentes.

Dizia-se que depois da troca das ratificações do tratado, o embaixador inglez voltaria a Madrid, ficando em Lisboa o marquez de Liche até á restituição das praças de uma e de outra parte; e que, depois da retirada d'este, o rei de Hespanha o substituiria por um embaixador ordinario.

O marquez de Marialva e os mais intimos confidentes do principe asseguravam á rainha, que D. Pedro estava resolvido a esposal-a secretamente, seguindo a opinião do abbade Bani, antes de mandar a Roma. Fal-o-hia em continente, depois da sentença de nullidade do casamento d'ella com D. Affonso VI; sentença que estava a dar-se, o mais tardar dentro de doze ou quinze dias.

A ratificação de Hespanha chegou a Lisboa na noite de 28 para 29 de fevereiro. Immediatamente corte e cidade romperam em boatos contra a França. Espalhavam, entre outros, que contra ella tinham formado liga offensiva e defensiva, o imperador de Allemanha, os reis de Inglaterra e de Suecia, e os Estados-Geraes.

Fôra causa d'estes rumores, uma memoria que o embaixador de Inglaterra entregára ao governo portuguez, memoria que no dia 3 de março a rainha, sem a ler, mostrava, por mandado do principe, ao agente francez, e que dizia assim:

«Abisos sacados de la carta del embiado extraordinario de S. M. B., el señor D. Guillelmo Templo al señor conde de Sandwich, embajador de Inglaterra, escrita de la Haya en Olanda, henero 28 de 1668.

«Dice, que en los 23 de henero el, y los plenipotenciarios de Olanda abian firmado tres instrumentos de tratados, el primero de los quales contenia una liga defensiva y perpetua entre el rey de la Gran-Bretaña y los señores Estados-Generales de los Paizes-Baxos, contra todos, sin excepcion de ninguno, que invadiere qualquier de ellos, y en caso de tal invasion son obligados a asistirse el uno al otro com 40 nabios de guerra, de manera que d'elles:

NABIOS	HOMBRES	ARTILLERIA
14....seran de	400......	de 60 hasta 80
14...........	300......	de 40 hasta 60
12...........	150......	mas de 36
40...........	11.600	

«Y demas con un cuerpo de infanteria de 6.000, y de caballeria 400 (ó en lugar de este com. dinero equibalente) conforme que quisiere el parte invadido, lo qual pagará por este socorro dentro de espacio de tres años, contados desde el fin de la guerra, y en orden a esta cuenta está ajustado y expresado en aquelle tratado las proporciones entre dinero y gente.

«El instrumento segundo contiene una obligacion reciproca de procurar la paz entre Francia y Castilla en Flandres, sobre uno de los puntos alternativos ya propuestos, antes del fin del mes de mayo que viene, pero en caso que se hallar dificultad en eso, todavia de procurar que Francia suspendiese el progreso de sus armas en Flandres y dejara sus aliados ajustarlos por via amigable.

«El contenido del tercero no me escrive el embiado, diciendo que no es cosa de fiar a una carta, pero mi agente en Madrid escrive, que habiendo visto allá la sustancia de ello es que en caso que Francia reusase ajustarse com España ó prosiguièse su guerra en Flandres, Inglaterra y Olanda, juntamente se opondra a sus armas para la defensa de Flandres y si hubière menester de invadir a Francia.

«Tres dias despues de la fecha destes tratados el embajador de Suecia firmó otro instrumento juntamente con el embiado de Inglaterra y plenipotenciario de Olanda, obligando a su rey de entrar como principal en estos tratados, despues de haber conseguido algunas pretenciones que tiene com el emperador y el rey catolico por mediacion de Inglaterra y Olanda, y luego el dicho embajador el conde de Donna habiase partido a Inglaterra para perfeccionar esta negociacion.»

(Continúa) José de Torres.

MAMMUTH OU ELEPHANTE FOSSIL

M. Figuier [1], um dos mais habeis vulgarisadores da sciencia em França, publicou ultimamente um livro illustrado, muito curioso, muito instructivo, e tambem recreativo. Tem por titulo: *A terra antes do diluvio*, no qual explica a origem do nosso globo, a formação progressiva das camadas mineraes que o compõem, fazendo-nos a descripção das especies animaes e vegetaes que já não existem, mas pertencem á botanica e á zoologia do mundo primitivo.

Para quem não conhece a geologia, sciencia nova, porque desde o começo d'este seculo é que se vae constituido definitivamente, o livro de Figuier tem grande valor, por estar escripto com muita clareza e simplicidade. Além d'isto é illustrado com muitas gravuras, que tornam ainda mais intelligiveis as explicações e commentarios do auctor.

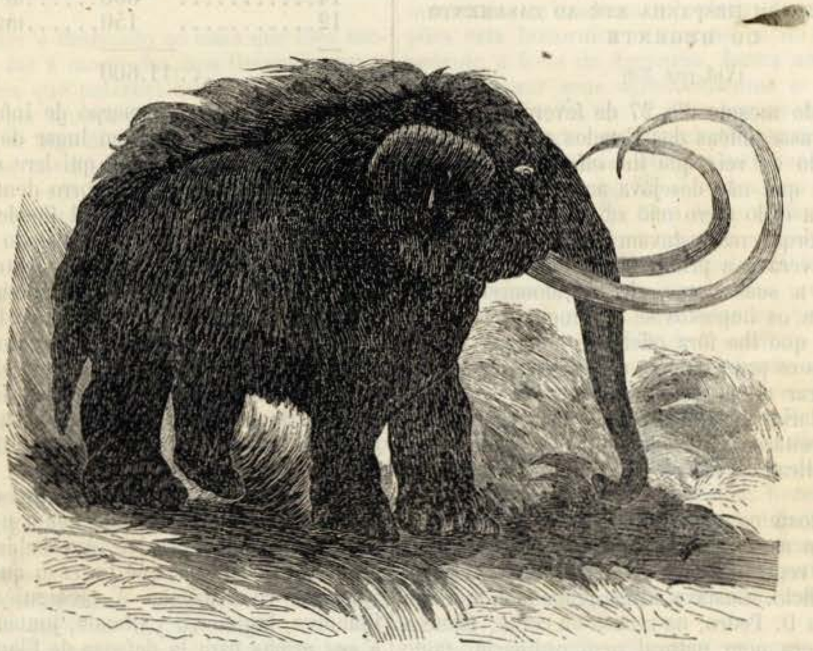
[1] É o auctor de *L'Année scientifique et industrielle*, exposição annual dos trabalhos scientificos, das invenções, e das principaes applicações da sciencia á industria e ás artes.

Para amostra reproduzimos aqui uma das mais curiosas gravuras d'este livro. É um elephante fossil com as defesas voltadas para cima, mui differente da raça hoje existente.

Um grande pensador nosso [1], fallando do mundo primitivo, exprime-se d'este modo, com a sublimidade de estilo e poesia em que é inimitavel:

Os corpos animados não foram sempre o que são hoje. A natureza, como os individuos, de edade para edade se transforma. Largos cyclos ou periodos foram sem duvida os dias da creação. Segundo as provas authenticas, que as entranhas da terra manifestam á sciencia, a raça humana, com os animaes e vegetaes seus consocios, é moderna. Conta apenas alguns milhares de annos. Outras plantas, outros viventes precederam a tudo isto.

Se uma illuminação prophetica no-l'os podesse patentear, que enleio e que terror nos não infundiriam, elles a nós, e nós a elles! As selvas pasmariam da figura humana; os homens da estranheza dos vegetaes; o monstruoso masthodonte, o crocodilo descommunal, o rhinoceronte gigante, não ousariam ser ferozes perante o seu aterrado espectador! Por entre os fructos procurariamos em vão os alimentos; os sons não estariam comnosco em harmonia; o aspecto dos ares, o calor, os productos caracteristicos das estações, talvez a lua mesma, o mesmo sol nos parececeriam diversos. Por praias de mares incognitos á geographia, calcariamos nunca vistas conchas; se lançassemos a rede ás ondas, sacariamos monstros; se nos campos as armassemos, amaldiçoariamos as prezas; a noite nos atemorisaria com vozes inauditas; ao rir da alvorada, outros concertos responderiam, outros zunidos, outras figuras, outras armas, outras guerras, outros amores ferveriam aos raios do meio dia!



Mammuth, elephante fossil

Tudo isso foi! tudo isso passou! tudo isso jaz, aqui, além, por toda a parte... por baixo dos nossos pés... por baixo das raizes das nossas arvores... por baixo dos alicerces das nossas cidades... por baixo dos povoados e dos ermos... por baixo dos montes e dos valles... por baixo do terreno e das aguas... nas atulhadas catacumbas do nosso globo!

Ao surdir de cada um d'esses primigenitos da organisação, das trevas do seu jazigo para a luz de hoje, que espanto para elle, se o Creador o reanimasse! Julgar-se-hia transportado para outro planeta! Da natureza toda, só o sol e os astros porventura reconheceria; nada mais. Onde deixára mares, acharia terras! onde terras, mares! onde serras, areaes! onde plainos, montanhas! onde vegetação, volcões! onde volcões, jardins, povos, industria, festas!

[1] O sr. A. F. de Castilho, nas suas *Noções Rudimentares*, para uso das escholas dos amigos das letras e artes em S. Miguel.

A ROSA E OS ESPINHOS

(FABULA)

A rosa disse aos espinhos:
«Não quero por vós mais ser protegida;
«Sem dó pungis a mão que me acarinha,
Pobre de mim!
«Em ondas de finas tranças
«A flor orna outra flor — e d'ellas a rainha
«Quasi sempre emmurchece inutil no jardim!»

Fica a rosa sem espinhos.
Rosa? — camelia então é que lhe chamam.
O primeiro que vem póde colhêl-a,
Ai! pobre flor!
Tem menos preço agora, e resta vê-la
Nos bailes desfolhada sem amor.
Apenas um desejo satisfeito,
Não mais se pensa n'ella.
Dizem que até perdeu seu meigo aroma,
Chorando de despeito...
Ai! pobre d'ella!

A mulher é uma rosa,
Cada dia se diz — diz-se a verdade:
A rosa tem os espinhos,
Honra e virtude a mulher:
E se faz como a rosa do meu conto,
O mesmo fim vem a ter.

AUGUSTO SARMENTO.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.